

O ESPIA

QUANDO se aproxima a época em que a taíha sobe a costa, em busca de águas mais quentes, para a desova, vai uma agitação intensa pelos núcleos de pescadores do litoral paulista a nordeste de Santos. A aproximação do cardume é acompanhada com toda atenção, e a notícia corre de praia em praia, aprontando os pescadores o material para a tarefa que se avizinha. Sob os ranchos, entre o "jundu", no fundo das estreitas enseadas ou na ponta das praias, consertam-se as rédes, revistam-se as trailhas, examinam-se chumbeiros, alcalas, cortiças e remos. Descansam as canoas sobre os roletes, abrigadas em cobertas junto ao mar.

Enquanto todos esses preparativos se processam, numa faina coletiva que caracteriza a população litorânea e que a irmana, toda entregue que fica aos misteres de uma atividade coletiva em que cada um tem o seu papel e a que nem mesmo as mulheres escapam, — há um elemento que já está em função e função importante, de cujo exato decempenho dependerá o êxito do cerco que os pescadores farão. É o "espia". Do alto de uma "costeira" favorável, ou de um ponto destacado da praia, onde possa avistar desde longe as águas oceânicas, sua vigilância não tem pausas. Olhos postos no mar, como que fareja a aproximação do cardume. A agudeza de sua observação é impressionante. Antes que qualquer outra pessoa percebe, está acompanhando os movimentos dos peixes, prenunciando mesmo a sua aproximação, sentindo o seu rumo e até avaliando o seu número. Dia após dia, noite após noite, aguarda o aparecimento do cardume e, quando verifica a sua chegada nas águas próximas pertence-lhe o sinal que dá comêço à intensa atividade que consome a população local.

Tarda, às vêzes, o alarme. É que o peixe, não raro, demora dias e dias em frente à praia, ora se aproximando, ora se afastando, reunindo-se ou se dispersando, entrando pelas águas profundas ou retornando à tona. Um aviso fora de tempo, um lançamento precipitado, um atraso qualquer, — e a tarefa estará ameaçada de malôgro. Pertence ao "espia" e constitui a parte difícil e de responsabilidade pessoal de sua tarefa, a escolha do momento propício, quando as operações devem ser desencadeadas. Atento, acompanha todos os movimentos do cardume e, depois de prolongada espera, decide da convocação do pessoal da praia e do início da atividade do cerco das taíhas. Sca, então o búzio e o seu ruído ecoa pelas praias e encostas vizinhas. O pessoal acorre, cada um destinando-se ao lugar que lhe cabe e apanhando o material de seu trabalho. A população toda corre para a praia, saindo dos caminhos, encostas e ranchos escondidos no "jundu". Rolam-se as canoas praias abaixo. Formam-se as canoas na conformidade das rédes que levam, embarcam as tripulações. E avançam, vagarosamente, ao impulso de remadas pausadas e silenciosas, enquanto canoas menores, dos "aparadores", vão acompanhando, prontos a completar a tarefa dos redeiros.

Mais atento do que nunca, o "espia" está acompanhando e comandando todos esses movimentos. De seu pôsto, com sinais de braço, desenvolve a manobra dos barcos. Há um momento em que o cardume se dirige para o lugar favorável ao cerco. A flotilha está pronta e deixou o peixe entre ela e a praia. A distância em que se encontra o peixe, a densidade de sua reunião, sua posição em relação à costa, condicionam o lançamento das rédes. O sinal do "espia" é decisivo. Lançam-se as rédes, com os barcos aproximados e ela é estendida, depois, pelo afastamento dêles, até fechar-se, com as pontas sobre a praia. Está pronto o cerco e fica complementado pelas tarefas miúdas. Não está se não iniciada a tarefa do "espia", embora a sua parte principal esteja feita. Cabem-lhe ainda pormenores do cerco, até começar a puxada para a praia.

Acabada a pescaria, quando todos se aprestam para a partiíha do peixe, reunidos em volta dêle, na praia, esse "general dos cercos de taíha", como o denominou CARLOS BORGES SCHMIDT, tem a sua paga. De acôrdo com a sua responsabilidade e a importância do seu trabalho, seu quinhão é maior.

NELSON WERNECK SODRÉ

